

# ATOS DOS APÓSTOLOS

(13º ESTUDO)

## DÍZIMOS

E

## OFERTAS

Atos 4.32 a 5.11

REV. SILAS MATOS PINTO

## DÍZIMOS E OFERTAS

Atos 4.32 a 5.11

Paulo, enfaticamente diz: *“O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores”* (1ª Timóteo 6.10). Paulo tem toda razão. Quantos males têm sido praticados tendo como causa o dinheiro? De todos os afastamentos e crises espirituais quantas delas não tiveram o dinheiro como fonte das questões, seja por não querer ser fiel nas finanças ou por corrupção daqueles que gerenciam o dinheiro trazido à Igreja?

Por direção divina, tendo proposto estudar esse tema, encontrei uma postagem do Rev. Anderson Luiz, da IPB de Côcos – Bahia, com a seguinte questão:

*“PERGUNTAS SINCERAS A RESPEITO DAS CONTRIBUIÇÕES FINANCEIRAS, DÍZIMOS OU OFERTAS.*

*Há alguns anos tenho visto em algumas postagens, ou vídeos, ser dito que diferente da Antiga Aliança, na Nova Aliança as contribuições financeiras, dízimos, ofertas ou qualquer que seja o nome dado, não é mais obrigatório. Eu gostaria de compreender o entendimento dado à palavra "Obrigatório", e assim gostaria de fazer três perguntas sinceras: 1) O que na Nova Aliança seria obrigatório? 2)*

*Havendo algo obrigatório na Nova Aliança, esse algo seria obrigatório para o quê? 3) Os que foram salvos na administração da Antiga Aliança, foram salvos pelo cumprimento da lei ou salvos pela graça? Lembrando, são perguntas sinceras para uma boa conversa teológica”.*

(Comuniquei ao pastor que usaria sua postagem neste estudo)

Tenho 17 anos de ministério e, neles, já vi muitas questões a respeito de dízimos e ofertas e também muita discussão a respeito deste assunto, principalmente, por parte daqueles que não desejam entregá-los. Também vivencio diariamente uma gama de pessoas que entregam fiel e alegremente o seu dízimo, sem questionamentos, gratos a Deus pelo sustento recebido.

Me pergunto se há algum ganho nestas discussões, visto que quem questiona a obrigatoriedade não quer entregar dízimos e ofertas e, também, não vão mudar de ideia, mesmo que as discussões os induzam a entregá-los. Os que já entregam, não questionam e pouco estão interessados nestas discussões, pois o fazem de boa vontade e com fé, crendo que entregar dízimos e ofertas é um princípio bíblico, e já o respeitam.

Porém, tendo proposto fazer estudos corridos no livro dos Atos dos Apóstolos, me vejo diante deste assunto e tenho

de fazer uma análise nos acontecimentos narrados nesta passagem bíblica. Este é o meu desafio desta semana.

Façamos um breve relato dos acontecimentos: A Igreja crescia e vivia uma comunhão admirável. Como esperavam a volta iminente de Jesus, vendiam suas propriedades e bens e entregavam aos apóstolos. Estes usavam o dinheiro para suprir a necessidade de todos, de maneira que entre eles não havia necessitados. Um dos membros, Barnabé, vendeu um campo e entregou todo o dinheiro. Um casal da igreja viu o ato do irmão e resolveu vender o seu campo também, mas, fazendo contrário de Barnabé, não entregou todo o valor. Reteve parte e entregou a outra parte aos apóstolos. Quando questionado sobre o valor, Ananias afirmou que o valor entregue dizia respeito ao todo da venda. Mentiu. Sua esposa, Safira, confirmou a sua mentira. Ambos morreram. Pedro, antes de morrerem, questionou-os sobre a sua liberdade de entregar ou não o dinheiro da venda. A questão que os levou à morte foi a mentira em torno do valor entregue e, creio eu, também a motivação do coração deles ao decidir vender o seu campo – Serem vistos pelos outros.

Não foi à toa que uma doação foi registrada logo após a outra. Que fique claro: Aqui não se trata da entrega de dízimos. Foram ofertas entregues para a Igreja, mas há

princípios que podem ser aplicados também na entrega de dízimos.

Analisando o texto bíblico (vs 32-35) observamos a disposição dos corações daqueles crentes. A comunhão se tornara algo delicioso e prazeroso. Ninguém tinha nada. Todos tinham tudo. Essa é a utopia do socialismo que só foi possível na Igreja porque os crentes estavam todos sob uma causa maior do que suas próprias vidas e seu interesse estava preso aos céus. A permanência deles, na terra, naquele momento, estava prestes do fim e bens materiais não lhes teriam valor algum. Com a venda das propriedades e distribuição dos valores recebidos não havia entre eles nenhum necessitado.

O assunto básico da pregação dos apóstolos era a *“Ressurreição de Jesus”*. Esse era o tema recorrente de todos os sermões, debates e conversas com autoridades. Era o centro das atenções: *“Cristo vive e retornará para buscar a Sua Igreja”*. Por causa dessa ênfase é que todos estavam dispostos a vender e doar os seus bens.

Isso aconteceu com José, o qual recebeu o nome de Barnabé, que quer dizer: Filho da exortação. Ele tinha um campo e o vendeu. Trouxe o valor da venda e entregou aos apóstolos. Tornou-se um missionário, companheiro dos apóstolos.

Observe a palavra de ligação entre o relato da doação de Barnabé e da doação do casal Ananias e Safira. O texto diz: *“Entretanto”*. Essa palavra faz uma contraposição do que aconteceu anteriormente com o que será relatado a seguir.

*“Certo homem, Ananias e sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, de comum acordo, reteve parte do preço e, levando o restante depositou aos pés dos apóstolos”*. Ao contrário de Ananias, que virou um missionário, esse casal acabou morto e sepultado, tornando-se um péssimo exemplo.

Outro dia, observando os relatórios financeiros das igrejas do Presbitério e a sua previsão orçamentária, vi que uma de nossas igrejas, previu um alto valor com arrecadação de ofertas. Fiquei confuso com esta previsão, visto que não há como fazer qualquer previsão de arrecadação de ofertas, pois não há um critério definido para quando, quanto e como as ofertas serão doadas. Quanto aos dízimos esta previsão é possível baseando-se nos percentuais dos valores entregues no ano findo.

Para quem gosta de discussão a respeito da obrigatoriedade de entregar ofertas fique com as afirmações de Pedro: *“Reservando parte do valor do campo, conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?”*

Quando fiz o comentário sobre a impossibilidade de prever a entrega de ofertas é porque ninguém é obrigado a ofertar nada. O dinheiro pertence às pessoas. Elas trabalharam e receberam e devem fazer do seu dinheiro o que bem desejarem. É claro que há regras, como: não gastar o dinheiro de modo irresponsável; guardar para futuras necessidades; não o usar para coisas fúteis e ajudar aos necessitados.

Se você esperava esta resposta, aí vai: NÃO É E NUNCA FOI OBRIGATÓRIO ENTREGAR OFERTAS! O dinheiro é teu e se você quiser continuar com ele, será uma escolha tua. Quando foi pedido ofertas para construir o tabernáculo, o templo e em situações específicas, ninguém foi obrigado a doar nada. Quem doou o fez de livre vontade. Todas as ofertas foram entregues movidas por gratidão ou por fé.

Entra aí a oferta da viúva, que Jesus exaltou sua fé, pois não tinha nenhuma reserva. Foi uma entrega de fé, crendo que Deus proveria o necessário para o seu sustento.

Outra viúva foi aquela que fez o bolo para Elias. Aquela foi uma oferta de confiança, pois ela só tinha um punhado de farinha e azeite. Iam comer e depois morreriam de fome.

Diante do pedido do profeta ela ofertou o que possuía e Deus a sustentou por mais de três anos.

Havia a entrega de oferta de manjares no templo. Quem ofertava trazia a sua oferta por gratidão, reconhecendo a intervenção divina em sua vida e no sustento da sua família ou feliz por algum milagre recebido. Era uma oferta de gratidão.

As ofertas de animais eram diferentes. Os animais eram ofertados para morrerem como substitutos dos ofertantes. Era ofertas pelo pecado, simbolizando o Cordeiro de Deus que morreria por eles. Era, também, uma oferta de fé.

Havia uma motivação errada do ofertante, como continua havendo hoje. Muitos ofertam valores crendo que conquistarão o favor de Deus. Erram, pois tudo já é de Deus. Outros ofertam grandes somas para serem vistos e elogiados por outros. Jesus diria sobre estes: *“Já receberam o que desejavam”*.

Creio que essa foi a motivação de Ananias e Safira: *“Se mostrar”*. *“Fingir uma fidelidade inexistente”*. *“Mostrarem-se piedosos e assim conquistar respeito no seio da igreja”*.

Seu erro: *“Por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Entrou a mulher de Ananias, Pedro perguntou-lhe: Dize-me, vendeste por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim,*

*por tanto. Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor?”*

Deus tem sido misericordioso nos dias atuais. Sou pastor e tenho acesso aos valores dos dízimos entregues à Igreja e, às vezes, dá vontade de perguntar, como Pedro: Recebestes só isso? Esse é o teu salário? Tenho visto muitos que são mentirosos na entrega de seus dízimos. Recebem muito mais do que entregam. Mentem ao Espírito. Algo acontecerá!

Parece que Deus tem sido muito mais misericordioso agora do que era antes. Tem sido muito mais tolerante, pois, mesmo havendo tanta falsidade e roubo na entrega de dízimos e a indisposição para entrega de ofertas, ninguém tem morrido mais por esse ato cometido contra Deus.

Vamos analisar as questões do Rev. Anderson, descritas no início:

1) *“O que na Nova Aliança seria obrigatório?”* Resposta: **Nada!** Você recebeu a salvação de graça. Não fez nada por merecê-la. Tua fidelidade é como trapo de imundície (Isaías 64.6), não tem valor algum. Como disse Isaías (41.24): *“Eis que sois menos do que nada, e menos do que nada é o que fazeis”*. Você não vale nada e o que você faz vale menos

ainda. Os teus atos de fidelidade não contam em nada para conquistar o favor divino.

Paulo afirma: *“Se somos infiéis ele permanece fiel, pois de maneira alguma pode negar-se a si mesmo”* (2ª Timóteo 2.13). A salvação é uma escolha divina e não uma decisão humana. Deus resolveu salvar àqueles que escolheu e Cristo morreu por eles. Serão salvos por graça e não pelo cumprimento da lei. Se esperas uma lei para se sentir melhor, desista. Ou será por graça ou nada!

Orar, ir à igreja, doar ofertas, entregar dízimo, fazer boas obras, nada disso é obrigatório. Nunca foi. Mas se você é um crente verdadeiro, fará tudo isso e fará muito mais ainda, e o fará movido por gratidão. Fazendo tudo isso, conhecedor de tudo o que Cristo fez por ti, ainda se sentirás inútil, por fazeres somente o pouco que fez. Se és um crente, você desejará fazer muito mais do que já tem feito.

2) *“Havendo algo obrigatório na Nova Aliança, esse algo seria obrigatório para o quê?”* Quando se impõe uma lei, junto se impõe um castigo pela quebra da lei. As obrigações sempre foram seguidas de castigos pela falta da observância delas. Mas como ficamos nós vivendo sob a graça? Qual seria *“o fim”* ou *“o objetivo”* da obrigatoriedade de algum dever? Seríamos castigados? Cristo já foi castigado em nosso lugar por todos os

nossos pecados e por todas as nossas faltas. Qualquer obrigatoriedade “*Sob a graça*” não tem funcionalidade alguma.

Movidos por tão grande graça a nós revelada nos tornamos capazes de fazer sacrifícios, entregas, doações, atos de fidelidade e tudo mais que nossa fé nos induza, para, de algum modo, agradar àquele que deu a Sua vida por nós. Não é por obrigação. É por gratidão. É assim que deve ser.

3) “*Os que foram salvos na administração da Antiga Aliança, foram salvos pelo cumprimento da lei ou salvos pela graça?*” Ninguém nunca foi ou será salvo pela observação de qualquer lei. A Lei foi o “*aio*” para nos levar à graça.

Quando Moisés apresentou às leis ao povo havia o objetivo da parte de Deus e o objetivo da parte dos homens:

Da parte de Deus: Dt 5.32,33: “*Cuidareis em fazerdes como vos mandou o Senhor, vosso Deus; não vos desviareis, nem para a direita, nem para a esquerda. Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor, vosso Deus, para que vivais, bem vos suceda, e prolongueis os dias da terra que haveis de possuir*”. A fim de que não pequeis. Para que sejam santificados. Deus queria a preservação da raça humana e seu bem-estar.

Da parte dos homens: Dt 5.27 – “*Chega-te, e ouve tudo o que disser o Senhor, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que*

*te disser o Senhor, nosso Deus, e o ouviremos, e o cumpriremos”.*

Para os homens a Lei seria um teste a ser vencido, um desafio, um inibidor da liberdade humana que revelava um Deus cruel. Achavam-se capazes de cumprir a lei, enquanto Deus queria que percebessem a incapacidade deles de obedecê-la, para dependerem da Sua graça e da Sua misericórdia.

Deus disse a respeito da pretensão humana de conseguir obedecer aos seus preceitos: “*Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre*” (Dt 5.29).

Deus nunca esperou que qualquer homem conseguisse cumprir aos Seus mandamentos. Adão e Eva não conseguiram obedecer nem a uma única lei, como os outros poderiam obedecer a tantas outras? Se Deus exigisse o cumprimento das leis ninguém seria salvo, nem antes e nem depois de Cristo ter morrido por nós. Na Antiga ou na Nova Aliança.

Basta ver o acordo firmado entre Deus e Abraão. Após abrir os animais ao meio, apenas Deus passou entre as partes (Gn 15). O acordo era feito entre as duas partes. Caso uma parte falhasse o que acontecera ao animal partido ao meio deveria acontecer com a parte falha. Os homens falharam,

mas apenas Deus passou, por isso Deus morreu em Cristo Jesus, lá na cruz.

Cristo inaugurou algo novo: A Graça. Novo? Não! Noé foi escolhido porque achou “*Graça*” diante de Deus (Gn 6.8) e por isso, mesmo morando entre uma população corrompida, ele pode ser diferente. Noé foi salvo pela graça, assim como Abraão, José, Daniel e todos os que foram salvos na Antiga Aliança. Deus nunca salvou ninguém pela observância da lei. Sempre salvou pela graça.

Portanto, para quem espera uma lei que obrigue a entregar dízimos e ofertas, eu te afirmo: NÃO A ENCONTRARÁ! Deus não requer tais coisas pela lei, mas motivados pela gratidão. Quem foi alvo da Graça divina doa e o faz com alegria. Paulo afirma que Deus ama a quem dá com alegria (2ª Coríntios 9.7).

Porém, Jesus disse que devemos entregar dízimos. Ele faz uma crítica aos religiosos da época, nestes termos (Mt 23.23): *“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, e do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a Justiça, a Misericórdia e a Fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas”*.

Há muitos crentes que são arrogantes por serem dizimistas e entregarem grandes somas como ofertas, no entanto, são péssimos cristãos, falhos nos seus deveres para com Deus e o próximo. Jesus lhes diria as mesmas palavras. Mandaria que fossem melhores observadores dos cuidados com o próximo, porém, sem deixar de serem fiéis nos dízimos e nas ofertas. Jesus não aboliu o dever de entregar o dízimo. Ele o confirmou.

O dever? Então é uma obrigação? Não foi para Abraão, que foi o primeiro a entregar o dízimo. Ele voltava de uma batalha dura, na qual fora vitorioso. Ao encontrar-se com Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo, e ser abençoado por ele, Abraão, grato a Deus pela vitória, lhe entregou o dízimo (Gn 14.18-20). Não havia lei, obrigatoriedade e muito menos, regras do percentual. Como ele deu 10%, nasceu aí a palavra “*Dízimo*”.

Jacó, ao ver, numa visão, uma escada que ligava o céu à terra e depois de receber de Deus promessas de bênçãos, entre outras coisas, Jacó afirmou a Deus que de tudo lhe daria o dízimo. Não o faria por obrigação. Foi uma decisão do coração.

Já para Israel, povo que estava saindo do Egito e tinha de aprender a servir a Deus, várias leis e mandamentos foram

impostos. Deuteronômio 14.22, diz: *“Certamente, darás os dízimos...”*. Vimos aqui a obrigatoriedade da entrega. A obrigatoriedade tinha um objetivo, v. 23: *“Para que aprendas a temer o Senhor, teu Deus, todos os dias”*. Seguiu-se uma promessa: *“Para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem”*. Deus exigiu a entrega do dízimo com objetivo de aprenderem a temê-Lo e fez promessas.

Promessas repetidas através de Malaquias, depois de afirmar que deixar de entregar dízimos é roubar ao Senhor: *“Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas”*. É ladrão quem não entrega os seus dízimos. Foi Deus quem disse isto!

Logo depois ele fala da maldição sobre o infiel: *“Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda”*. Há consequências para o infiel. Ficou claro!

Então, ele fala das bênçãos provindas da fidelidade: *“Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor do Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor*

*dos exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos”*.

Nossa Igreja não pune ao crente que não entrega o seu dízimo, apenas o instrui a entregá-lo. No entanto, para todos aqueles que ocupam cargos de liderança ou aos oficiais e pastores, é cobrado fidelidade nas finanças. Quem está à frente deve dar exemplo de fidelidade. Quem não é fiel nas finanças não terá moral ou credibilidade para cobrar fidelidade dos seus liderados em qualquer outra área. Por isso, a decisão do Presbitério e da Assembleia da Igreja foi que: Nenhum membro que seja infiel na entrega de dízimos poderá ocupar cargos de liderança na igreja. Se for infiel nas outras áreas também.

Você, meu irmão, que tem procurado formas de não entregar o teu dízimo ou que o entrega menos do que é devido, veja neste ocorrido na Igreja Primitiva um incentivo e uma cobrança quanto à tua fidelidade.

Não faça como Ananias e Safira, que se dispuseram a entregar a sua oferta, porém com objetivos e motivações erradas, além de o fazer sob mentiras. Seja como Barnabé, que doou com alegria, sem mentira e com a motivação de se doar ao Senhor. Ele se tornou exemplo e motivação para os outros.

Entregar dízimos e ofertas não é *“OBRIGATÓRIO”*, porém, quem estiver motivado a entregá-los deve fazer corretamente. Se



vais entregar o teu dízimo, que seja ele referente à 10% do teu ganho. Se vais ofertar, que seja de acordo com tua prosperidade.

Rogo a Deus que esclareça a tua mente para que não reste dúvidas se deves ou não dizimar. Deus disse que não dizimar é roubar dEle. Jesus disse que não devíamos deixar de entregar o dízimo. Se você resolver não entregar ofertas e dízimos terás toda a liberdade de o fazer. O dinheiro é teu.

Agora, chegue você mesmo à tua conclusão.